

Amantes que se matam

48

pai de família

mocinha

RUBEM BRAGA

SUICÍDIO

10.4.57

17

O SUICÍDIO desse professor e dessa menina recoloca mais uma vez o problema do amor. O caso é de doideira; um homem de 40 anos e uma jovem de 18 se matam depois de lutar quatro anos para viver juntos. A parte pior do drama já passara, mas a ameaça de novas dificuldades decidiu o casal à fuga definitiva, para a morte. Ao morrer, a mãe lança a culpa de tudo em sua mãe, num desesperado gesto de mau gosto.

Sem pais

Não creio muito em culpas, nesses dramas. Se houve alguma culpa imediata, material, foi a do homem que levou o veneno para o duplo suicídio, desanimado em face da notícia de um processo que lhe seria movido. Seu dever era ser forte — mas também não acredito muito em deveres, nesses dramas.

dois

O pior pensamento que me ocorre a respeito é o seguinte: se não tivesse havido complicação nenhuma e desde o começo eles estivessem vivendo juntos — em que pé estaria o romance? E daqui a um, dois, três anos? E melancólico pensar que talvez ela já estivesse achando o professor demasiado velho e enjoado, ou ele já se tivesse cansado da mocinha e mesmo a aborrecesse vagamente por havê-lo feito abandonar a mulher e os filhos. Vamos que ainda se amassem; de qualquer jeito custa a imaginar que ainda houvesse paixão; a ferrugem sutil do dia-a-dia teria trabalhado...

amante /

O suicídio deixou a paixão perfeita, intacta no ar. Podemos dizer: isto sim, foi uma paixão. Mas um suicídio desses é o ato de um instante, que poderia não ter acontecido; o casal havia resistido a instantes piores. Será muito difícil, para alguém que já viveu e viu as coisas, imaginar essa moça aos 24 anos dizendo: «eu pensava que estava apaixonada por ele, era tudo impressão que eu tinha, porque era muito menina...» — ou ele, com 56 anos, a conversar com um amigo sorrir se lembrando da «burrada»? E, quem sabe, intimamente se dando por feliz por ter conseguido recuperar a mulher e os filhos?

52

Sei que estou escrevendo uma crônica de bom senso — e de mau gosto. Que os pobres amantes descansem em paz. Não é contra eles que estou escrevendo, é contra o amor, coisa tão incômoda que de um, que teve, dizia Garcia Lorca lhe doer até no chapéu. Até no travesseiro dói, direi eu que dormi tão mal esta noite. Acordei de mau humor, abri o jornal, dei com esse suicídio. Pobres, infelizes, felicíssimos amantes, descansem em paz.

M 685

305